ira da Cunha Aveiro
entes da Grande Guerra

CORREIO DO VOUGA

(AVENÇADO)

O pudor deve defender a formosura como os espinhos defendem a rosa.

?

ANO IV — N.º 182 = Aveiro, 23 de Junho de 1934

« CORREIO DO VOUGA » — SEMANÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E ADMINISTRAÇÃO
« GRÁFICA DE COIMBRA », LARGO DA FEIRA — COIMBRA.

DIRECTORES:
Padre Allyrio Gomes de Mello, Prior de Vagos,
Dr. Querubim Guimarães

Proprietário e Editor — P.e Allyrio Gomes de Mello
Administrador — Dr. José Antunes
GRÁFICA DE COIMBRA — COIMBRA

REDACÇÃO — BAIRRO DA APRESENTAÇÃO — AVEIRO

PENSAMENTOS

DA SEMANA

O mais feliz dos homens é o que faz a felicidade dos outros.

LA ROCHEFOUCAULD.

Gomes da Costa em Africa

O *Mundo Português* publica, em seu último número o trecho seguinte devido à pêna do falecido Coronel Ferreira do Amaral:

Nas imediações do forte do Humbe (Angola), ia-se proceder ao funeral de dois oficiais e de duas dezenas de soldados, todos mortos na manhã de 25 de setembro de 1904... Tratava-se de prestar a derradeira homenagem e as últimas honras fúnebres aos sacrificados no altar do dever. O comandante da coluna encarregou nessa ocasião o Capitão Gomes da Costa de dizer duas palavras às tropas, àcêrca do que se estava passando. Então é que eu vi bem quanto êsse oficial tinha alma de verdadeiro soldado, e, não só alma, mas também hábito externo! Alto, forte, sêco, pele enegrecida e requeimada por uma longa permanência nas colónias, olhos negros, que nos momentos solenes chispavam com brilho intenso e desusado, a sua figura nesse momento impressionou-me... O Capitão Gomes da Costa, então voltando-se para as fôrças armadas em linha de colunas com frente aos covais, descobriu-se, fitou as fôrças durante alguns segundos percorrendo-as com a vista, e, numa voz sentida e solene, ainda que vibrante, disse: — « Senhores oficiais e sargentos!... Vamos prestar as nossas últimas homenagens e despedidas àqueles dos nossos companheiros, que, vitimas dos mais sagrados deveres militares, caíram para sempre na luta de ha vinte e quatro horas! » Calou-se uns momentos, como que a medir as palavras que ia proferir, e recomeçou, avançando para os soldados e mostrando os mortos com o gesto simultâneo dos braços, que estendeu para os covais, ao longo das quais estavam estendidas umas três dezenas de cadáveres: — « Soldados!... O ideal, e consolação suprema e o último desejo do soldado, que não pôde vencer, é uma bala inimiga na testa, é um palmo de terra a cobri-lo para sempre! » Depois, voltando costas ao fúnebre espectáculo das carnes esburacadas, que, começavam a apodrecer, e bem de frente para as tropas, fitando em especial os oficiais, disse: — « Meus senhores e camaradas!... O soldado não vence quando quere, mas sempre que pode!... Se, porém, de lutar, cai vencido... ao morrer... só quere uma coisa... que o vinguem! »

Apontando então para os covais, disse: — « Não devemos esquecer os que morrem!... Por isso, àqueles que são religiosos e acreditam em Deus, eu peço que rezem uma Avé Maria, por alma dos nossos bravos companheiros, que não puderam vencer... e aos que não crêem em Deus, eu peço que por momentos, alguns apenas, entreguem o seu pensamento à memória dos que estamos vendo pela última vez! » Ao acabar a última frase, pondo um joelho em terra e um pouco curvado, esteve uns momentos com a cabeça descoberta. A coluna ajoelhou, e, ao levantar-se, todos os soldados das unidades europeias tinham os olhos razos de água, e alguns choravam convulsivamente.

... Pois também nós sentimos os olhos rasos de água, e o coração opresso de suave enternecimento, que é quasi saüdade!

GRALHAS... AMIGAS

Recebemos de Acácio Rosa, companheiro político, e de jornalismo, de Jaime de Magalhães Lima, cuja pena, ha muito em descanço, ilustrou ha um quarto de século as letras aveirenses, e ainda hoje se mostra resistente à acção corrosiva do tempo, a interessantissima carta que publicamos a seguir e a que damos o logar de honra dêste jornal, não só pela forma com que espirituosamente o seu autor castiga o lapso tipográfico e a descuidada revisão que lhe trocaram o apelido, como pelo precioso documento com que a ilustra, cópia dum autografo que, com tantos outros que possui, de escritores nacionais e estrangeiros, todos ou quasi todos desaparecidos, constituirão legado de valôr para o estudo dos grandes homens do seu tempo.

Hoje figura a prosa do autor da « *Paquita* » e das « *Flores Agrestes* » Bulhão Pato, que honrou a poesia portuguesa com a naturalidade e a frescura de seus versos tão espontâneos, mensagens de romantico que de vez em quando enviava à Terra, lá das alturas do Monte onde vivia o seu sonho de beleza.

E porque não continuar, bom amigo Acácio Rosa, a exumar do tumulo, outros autografos, que jasem aí, em Verdemilho, à espera que suas mãos, mais discretas e mais peritas que outras, as restituam à vida, dando-nos o conhecimento de primores que doutro modo ficaremos a ignorar?

Se tal acontecer, não sabemos se se voltará, a não querer bem às *gralhas*, no momento já transformadas de inimigas em amigas, tão breve foi a arrelia que os seus disturbios causaram e tanto lhes devemos pelo prazer da carta recebida.

Ela aí vai:

Meu caro Dr. Querubim

Afinal... o amigo não conseguiu impedir que *as gralhas* viessem ao meu trigo.

E' certo que a sementeira foi pouco feliz, por falta, certamente, de *matéria prima*, mas, se não havia meio de produzir coisa melhor...

Em certa altura do meu artigo escrevi o seguinte: « *referir-me-ei, porém, a outra manifestação do seu espirito, que não é menos apreciável, pela forma brilhantissima como é exteriorizada.*

O seu conhecimento dos homens e dos factos, a sua conversação, o seu humorismo, todo o brilho da sua palavra exercem sobre nós um encanto irresistivel ».

A gralha esgravatou qualquer coisa nesse trecho, assim como esgravatou também no final do artigo que escrevi, integralmente, por esta forma:

« *Vida de Plutarco, a sua vida foi sempre a vida de paz, « Da Paz do Senhor » como êle dizia, e a sua voz é a voz do seu lar, — o vento, a montanha, o rochedo e a floresta, a luz, o orvalho, o mar, os astros, o crepúsculo e a aurora, a ave e a flôr.* »

A gralha, vencedora *de espada em riste*, arremete contra o meu nome e parte-o de meio a meio, com a agravante de substituir a metade por um apelido fantástico.

Desaparece o Acácio Rosa e aparece-nos Acácio Ribeiro. « Risum teneatis »!

E' caso para se dizer como António de Serpa, em 1851, na sua poesia « o Pagem » tão discutida e vulgarizada por êsses tempos:

O meu amigo sabe que a comédia tem o seu emblema — « Castigat ridendo mores ».

Sem querer usurpar os direitos de cada um, quero, tôdavia, ser juiz desta causa e aplicar um castigo que me parece justo.

Para isso, vou contar uma anedocta. Quero dizer: quem a conta é o « Panorama » no volume terceiro: « Hume, célebre escritor inglês, tinha publicado algumas opiniões heterodoxas, pelo que os literatos o reputavam deista, e os ignorantes ateu.

Sucedeu que ao passar por uma ponte provisória sôbre um sítio pantanoso, que divide a cidade nova da cidade velha, em Edimburgo, o taboão deu de si com o pêso do corpo, e Hume caiu no lôdo.

Não podendo tirar-se do atoleiro, gritou com tôda a fôrça para que lhe valessem, e uma mulher que o ouviu, acudiu para ajudá-lo, mas tanto que reconheceu Hume, desvaneceu-se-lhe a compaixão.

E' de saber que a Escócia é o país mais religionário do mundo, e por isso os escossêzes são por antonomasia denominados « puritanos ».

Debalde suplicou Hume à mulher que o socorresse: esta se recusou dizendo — « *Não permita Deus que eu salve um ateu* ». — «*V. Ex.ª está enganada* (exclamou o misero atolado) *eu não sou ateu* ». — « *Pois bem* (replicou a mulher) *se o não é, dê me uma prova disso resando o credo; e, se o não puder resar, ai o deixarei morrer como um pêrro infiel* ». Não descobriu lo o pobre filosofo outra pessoa, em tão dura alternativa, pôs-se a rezar o credo em alta voz, e com a maior atenção para não errar palavra, e quando chegou ao «Amen», a boa mulher o ajudou a sair do lodaçal, e ambos se foram mui contentes, cada um por seu caminho; a mulher saltando de alegria por ter obrigado a rezar o credo a um infiel, segundo ela pensava; e o filosofo incrédulo, convencido da necessidade de aprender de cór, ao menos, o credo da religião dominante do país. »

Porque é meu caro amigo, que não ha-de obrigar o tipografo e o revisor do meu artigo a dizer 3 vezes em voz alta o seu « peccavi », mesmo em latim para não perceberem todos o seu erro?

Note meu querido Dr. Querubim que eu próprio tenho culpas no cartório, e uma delas interessantissima, como vai ver. Em 1894 pedi a Bulhão Pato um artigo sôbre José Estevão para a « Vitalidade ». A minha assinatura, porém, era de tal maneira incompreensivel, que o grande poeta da « Paquita », autor de muitos livros em prosa e verso, me escreveu a seguinte carta, que até agora tem estado inédita:

Monte da Caparica, Torre, Agosto 6 de 94.

Il.mo e Ex.mo Snr.

Eu, e quantos sabem ler nesta casa, não pudemos decifrar a assinatura de V. Ex.ª. Resolvi-me a pregá-la no subscrito, a ver se os correios de Aveiro são mais paleografos do que nós!

Tenho escrito tanto a respeito de José Estevão, que a-pesar da grandeza de assunto, o tenho por esgotado.

Agora mesmo, no segundo volume das minhas « Memórias » vai um capítulo sôbre êle. Mando essas duas palavras, infelizmente a expressão da verdade.

(Continúa na 4.ª página)

Uma dinastia de sábios

Vossas Excelências sabem quem foi o fundador do Instituto Pasteur, de Paris? Foi... Pasteur, o genial descobridor dos microorganismos, e consequentemente o maior nome da medicina em todos os tempos!

E sabem Vossas Excelências quem foi o sucessor de Pasteur na direcção do seu Instituto? Foi o Dr. Roux, ha pouco falecido, o imortal descobridor do sôro antidiftérico, que tem salvado tantos milhares de vidas!

E sabem Vossas Excelências quem agora foi nomeado para suceder ao Dr. Roux? Foi o Dr. Martin, que, descobrindo o sôro antitetânico, preservou da morte, durante a guerra, milhões de feridos!

... Mas sabem Vossas Excelências que todos êstes sábios, beneméritos eminentes, foram ou são católicos praticantes e militantes? Pois... ficam sabendo!

Foguete-postal

Um engenheiro alemão acaba de inventar um « foguete-postal », que atinge a velocidade de 33 quilómetros por minuto, e servirá, por exemplo, para levar a correspondência de Londres a Dublin (Irlanda) em 3 minutos, e de Douvres (Inglaterra) a Calais (França) em menos dum minuto!

... Se nós o apanhássemos para nós.

Grande Festival

No Jardim Público, na noite de S. João em 23 do corrente, às 22 horas, haverá um grande festival com iluminações à veneziana, fogo prezo e do ar, concerto e certamen de tunas, serenata por um grupo de tricanas e rapazes da Cidade, em que se cantarão lindas canções nacionais e uma interessante cascata. A cascata típica de S. João, será um dos números mais digno de ver-se.

No certamen das tunas disputar-se-há um prémio que será conferido, à que melhor se apresentar, por um júri, especialmente constituido para esse efeito.

Entradas: — Adultos — 1$50; crianças até aos 12 anos — 1$00.

Exposição Colonial Portuguesa

A 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, agora inaugurada pelo Sr. Presidente da Rèpública, é um dos mais notáveis acontecimentos da nossa história contemporânea. Não é fácil descrever o que aquilo é: simplesmente diremos aos nossos leitores que não deixem de visitar, mesmo com sacrifício, êsse soberbo mostruário das possibilidades de expansão e riqueza do nosso vastíssimo império ultramarino (o 4.º do mundo). E, de modo especial, recomendamos uma visita ao pavilhão das missões católicas: aí se vê o que representa de fé, energia e patriotismo o trabalho dos nossos heroicos missionários, e quanto devem ajudá-los com seus donativos todos os bons portugueses, mesmo não-católicos.

Roosevelt e... flores?

O Presidente da grande rèpública norte-americana recebeu ha dias um ramo de flores espirituais, composto de 222.752 Missas, Comunhões, Terços e outras obras, orações e sacrifícios: e como de vários Estados da Confederação chegaram já à Secretaria da Presidência informações da próxima remessa de mais e mais ramos destas flores espirituais, oferecidas a Deus para que abençoe e torne fecundas as iniciativas do Presidente Roosevelt, — diz um telegrama de Washington que « a Secretaria da Presidência montou um serviço especial para agradecimento destas ofertas tam caras ao Presidente, o qual quiz rubricar pelo seu punho, nas cartas remetidas às entidades oferentes, éstas palavras:

— « *Nenhum bem se pode fazer ao povo, à margem da intenção de servir a Deus, servindo-o a êle. E, se Deus está com os meus esforços, êles triunfarão* »

... Não! Não! Nem tudo está perdido! Não! Não! O mundo quere salvar-se, — e ha de salvar-se!

De estarrecer!!

Na procissão de Corpus-Christi, em Viena, capital da Rèpública da Austria, incorporaram-se devotamente todo o govêrno e altas autoridades do Estado, *incluindo o próprio Presidente da Rèpública!!!*

... Brrr! Que estas é que fazem os cabelos brancos a certa gente!

Escândalo... ultra-escandaloso

A Academia de Ciências de Paris elegeu seu sócio o Dr. Gastão Júlia, que vai ocupar a vaga de Painlevé: o qual Gastão tem 41 anos, e o nariz partido, e um ôlho a menos, que uma granada lhe levou na guerra: e usa sempre por isso uma máscara especial, que lhe cobre o rosto, e é o maior matemático dos nossos tempos.

Mas o pior é que êsse Dr. Gastão Júlia, académico e matemático, é um católico prático, que vai à missa e comunga com frequência, e ensina êle mesmo a doutrina aos seus filhos, sem deixar por isso de ser o maior matemático dos nossos tempos.

... O que é altamente e supremamente escandaloso... mesmo porque (aqui para nós) o Sôr Tomás da Fonseca, quando aluno do Seminário de Coimbra, — foi reprovado três vezes em matemática, caramba!

CONVITE

Convidam-se os irmãos da Irmandade de Santa Joana a reunirem-se no domingo próximo, pelas 16 horas, na sacristia da Igreja de Jesus, para se proceder á eleição da nova mesa da direção que tem de funcionar no trienio seguinte.

PELA IRMANDADE
QUERUBIM GUIMARÃES.

PENSAMENTOS

DA SEMANA

No mundo não tem boa sorte senão quem tem por boa a que tem.

LUIZ DE CAMÕES.

Na Exposição de Chicago

O júri do Centenário do Progresso, referente à secção da instrução superior, conferiu o maior prémio da Exposição de Chicago, em 1934, à Universidade Católica de S.to Inácio de Loiola, que os Jesuítas dirigem na mesma cidade: e o presidente do júri, Doutor Eben Cary, ao comunicar tal resolução, escreveu estas palavras... além de muitas outras do mais caloroso elogio:

A Universidade Católica de Chicago, no capítulo de embriologia e patologia geral, mostrou-se o ano passado, e mostra-se êste ano superior a todos os outros institutos de ensino superior da América.

Senhores Libarais! Vossemcências não teem vontade de se deitar a afogar?...

No México!!

Primeiro: — Nalguns Estados os fieis levam para casa a Santa Eucaristia, e ministram êles próprios a comunhão uns aos outros, como faziam os cristãos no tempo das perseguições em Roma.

Segundo: — Dada a escassês de padres, em conseqüência da tirania que reina, ha mulheres que fazem por vezes dois dias de marcha para levar o evangelho às aldeias, que vêem a custo um padre uma vez por mês.

Terceiro: — Algumas centenas de mulheres alugaram casas particulares, que transformaram em verdadeiros seminários, onde educam os rapazes, que vão consolidar a sua educação religiosa para seminários própriamente ditos.

. . . .

Quarto: — Perante tais factos, um vibrante clamor se ergue das nossas almas: *Cristo vence, Cristo reina, Cristo impera!*

Drogas e pinturas

Um diário não-católico do Porto inseriu ha dias o seguinte... que é devido à pêna dum jornalista anti-católico, anti-apostólico e anti-romano:

« Raparigas lindas e novas andam por aqui com os focinhos que é uma vergonha! Os lábios em sangue de boi, as faces amarelo-pinhão, feito a tintura de iodo. As sobrancelhas rapadas à navalha de barba e feitas a tinta da China, em traço lombriga, que é *chic* e dá tom. Metem nojo. Repugnam. Mas a culpa não é delas. E' dos pais e dos maridos que lho consentem. E dos namorados também. O melhor da festa, segundo há tempos me confessou, pesarosa, uma destas pintalgadas meninas, é que as que raparam as sobrancelhas estão condenadas a rapá-las agora toda a vida e mais seis meses, porque os pêlos que rebentam parecem fueiros. Bem feito ».

Numa senhora não se bate... nem com uma flôr!

SAL E PIMENTA

Uma lição mestra

— Olhe lá, ó cavalheiro! O' amigo! Ouça cá, seu frèguês! Diga-me uma coisa: aquele sujeito, que saiu agora, fez-lhe algum mal?...

— Se me fez algum mal?! Porque é que pregunta isso?

— Porque quero saber! Pois porque ha-de ser?! E' que enquanto êle ia mais nós, o amigo sempre lhe revirava cada ôlho... que nem um repôlho! Mas sem dizer nada que se ouvisse, valha a verdade. Só lá de vez em quando tossia, como umas tossidelas muito cheias de gosma e de malcriadice. E também me pareceu que rosnava por entre os dentes qualquer coisa, mas nunca percebi bem o que fôsse. Lembrava-me o meu Farrusco a resmungar, quando cuida que o Pirilau lhe quere roubar o ôsso que êle está a roer. Mas vai agora, mal o tal individuo se apeou, e o comboio se pôs de novo em andamento, o amigo, que eu não tenho a honra de conhecer, começou daí da janela a jogar-lhe às canelas umas piadas... umas piadas muito exquisitas... Que eu acho que êle nem as ouviu! Mas, enfim, eu sempre gostava que me explicasse o que isso quere dizer...

— Pois bem, eu lhe explico em duas palavras. Quere dizer que... sim... que eu que sou... sim, que sou liberal, e basta! Não será preciso pôr mais na carta, penso eu.

— Pois pensa mal. Mesmo muito mal. Liberal! E' liberal o figurão! Ora não ha! Liberal, hein? E mais nada, não é verdade? E' pêna, realmente, não ir aqui mais ninguém na carruagem, para poder contemplar esta preciosidade! Este grande liberal, que me está saindo mas é um grande pardal!

— O senhor está a insultar-me! E com que direito? Não me dirá?! Agora sou eu que lhe pregunto ao senhor: que mal é que e eu lhe fiz... para que esteja assim a insultar-me?...

— A insultá-lo, eu?! Ora tire lá o seu cavalo da chuva, cavalheiro! Deixe-se dessas coisas! Peço-lhe... pela sua rica pele! Insultá-lo, hein? Ora vêdes! Não que eu não desço a tanto, ouviu bem? Insultá-lo?! Nada disso! O que vou, talvez, é... a ensaiar-me para daqui a pouco lhe arrancar as orelhas todas!

— Arrancar-me as orelhas?! Ora essa! Era o que faltava! Não que não se arrancam assim orelhas! Fique sabendo! Ora o insolente! Inda mais essa! Arrancar-me as orelhas!

— Arrancar-lhe as orelhas, sim, senhor! Arrancar-lhe as orelhas, pois então?! Ou senão .. agarrar-lhe já pelo fundo das calças, e atirá-lo pela janela fóra! Ouviu, senhor liberal?... E veja se me não fala alto de mais! E se me não arrega-la assim os olhos! E se me põe um... travão nessa lingua! Senão, é o demónio! Obriga-me a sujar as mãos, irra!

— Pois bem, eu calo-me. Calo-me, porque sou prudente. Não gosto de barulhos, e sempre tenho fugido de apertos. Mas a verdade é que o senhor é que começou, não fui eu! Quer queira, quer não queira, o senhor é que começou a dirigir-me insultos. Eu nem lhe tinha falado ainda. Nem sequer o conheço. E até mal o tinha visto. Ia acolá, àquele canto, muito socegado, a ler o jornal. E o senhor é que principiou daí a dar-me palavras, que eu lhe não merecia, e que não admito a ninguém! A ninguém! Mas, enfim, sou prudente, por isso calo-me.

— Acabou? Já acabou? Já não tem mais corda o realejo? Ora então agora falo eu, se o senhor liberal... me dá liberdade para isso! As coisas não se passaram assim como diz. Eu comecei, talvez, antes do cavalheiro... porque o cavalheiro já tinha começado antes de mim. E' assim mesmo! Ia ali sentado, parece que a ler o seu breviário ou lá o que é, o individuo que saiu ha pedaço, e o amiguinho parecia que o queria comer ou fuzilar com os olhos. Já não gostei disso! Quem vai, vai; quem está, está. Um bom liberal pensa assim, e faz assim. Senão, não é liberal, é pardal. Depois, o comboio parou, o tal sujeito saiu, e o meu querido amigo... de Peniche dardejou-lhe daí umas olhadelas, que não sei como o não incendiaram logo da cabeça aos pés, antes dele descer da carruagem. E tudo isto acompanhado dum resmonear, que eu não entendi bem, mas que me fez mal aos figados. Por fim o comboio apita, põe-se outra vez em marcha, e o senhor, que ainda se não tinha fartado de baboseiras, põe-se dali a ladrar umas garotices aos calcanhares do pobre homem...

— Garotices?! Ladrar?! Veja lá como fala! Olhe que eu...

— Eu quê! Eu quê! Eu nada! O amigo agora só tem uma coisa a fazer, enquanto eu falo: é mastigar, e engulir, sem fazer carêtas! E mais nada! Peço-lhe outra vez pela sua linda pele! Entendidos, não é assim? Ora pois que era aquilo senão ladrar garotices, de alto e de longe, a quem nunca lhe fez mal?! E era porque a sua dentuça é envenenada, mas é fraca para morder! Senão, nem um osso deixava inteiro ao outro, acho eu. Se aquilo não era ladrar garotices, sim, ladrar garotices, então que era? Ande, desembuxe, mas depressa! Que era então?...

— Que era? Que era? Era isto, que vai já ouvir: é que eu não posso ver padres! Pronto! Em vendo algum, parece que perco tudo? Nem quero lembrar-me! Apre!

— Perde tudo?! Homem, essa! Qual perde tudo?! E' o perdes! Duas coisas pelo menos não as perde. Nem agora, nem nunca! E' o juizo, e a vergonha! Sabe porquê? Porque nunca as teve! A educação é que me parece que a perdeu. Mas isso já deve ter sido ha tanto tempo, que não ha nem restos dela, Deus lhe fale na alma.

— Pelo que eu vejo, o que o senhor é, é um grande carola! Naturalmente, passa a vida lá pelas igrejas a engrolar padre-nossos e bater murros de devoção no peito! Ah! Ah! Ah! Ah!

—Murros no peito, hein? Eu não sei mas é como lhe não bato já dois murros mas é nessas ventas, ouviu? O amigo está enganado! Redondamente enganado! Não engrolo padre-nossos, não. Mas também não me deixo engrolar por si. Infelizmente, e nem sei porquê, não sou católico. Mas olhe que se o fôsse, não tinha dificuldade nenhuma em pespegar-lhe já aqui nas bochêchas: *sou católico!* Não sou! Desgraçadamente não sou! Porquê sei lá bem! Olhe, Maria vai com as outras, é o que é! E às vezes é um inferno! Enfim, isto agora não vem ao caso. Não sou católico, está dito. Mas o que sou, o que quero ser, o que me prezo de ser, é tolerante. Tolerante, entendeu? Não lhe digo que sou liberal... porque me não quero parecer consigo. O cavalheiro é liberal, mas anda a regougar palavrões aos padres! Ora cebo! Cebolório para o seu liberalório! Se isso é ser liberal, vou ahi e já volto, compadre! Liberal! O grande liberal! Porisso eu lhe chamei grande pardal! E agora chamo-lhe: grande animal! Sou tolerante, mas ha uma coisa que eu não tolero: é a má educação! Fico nervoso, e com vontade de me arremessar logo aos untos dos malcriados! Que mal lhe fazia o padre, com os diabos.

— Nenhum! E' certo! Nenhum! Eu nem o conheço! Mas ha-de ser como os outros!

— Mas conheço eu, caramba. E' o Padre Jerónimo, da frèguesia de Vilamar. Se é como os outros, não sei. O que sei, e toda a gente destas redondezas sabe, é que êle é um belo coração! Está numa igreja, que diz que é muito rendosa, e olhe como êle ia aqui em terceira classe. Reparou-lhe para o fato e para as botas? Acho que até remendos tinham. Avareza, ha-de ser avareza, pensará lá consigo o senhor liberal! Pois engana-se... o grande animal, com mil bombas! Avarento, aquilo?! Se êle dá tudo aos pobres! Se êle não coalha um centavo! E êle não tem um pataco! Sabe o que êle tem a mais?

— Talvez terras, propriedades, b ns de raiz...

— A sua burrice é que é de raiz! Propriedades?! Terras, hein?! Se êle já esteve para vender o património! Não o vendeu, porque vai oferece-lo para a construção dum asilo. Ora aí tem! Mas, enfim, veja lá se advinha: sabe o que êle tem a mais?

— Não faço ideia... Se não tem dinheiros nem campos, não posso adivinhar o que êle tenha a mais.

— Pois digo-lho eu: o que êle tem a mais... é cachorros como o senhor a querer abocanhar-lhe as barrigas das pernas. E sabe o que êle tem ainda a mais? E' uma santidade tão grande (eu cá chamo-lhe tolice), que depois de ouvir os seus ladridos e receber as suas mordeduras, em vez de gritar-lhe como eu: *Passa fóra, cão!*, — ainda é capaz mas é de lhe dar uma côdea, e de chamar-lhe: *Meu irmão!...*

DOUTOR FORTE VINAGRE.

EDITAL

2.ª Publicação

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho da Mealhada faz público que, em harmonia com a deliberação de 5 do corrente, se acha aberto concurso, durante 30 dias, a contar da data da 2.ª publicação dêste anúncio no *Diário do Govêrno*, para provimento do lugar de aferidor municipal, com o vencimento anual ilíquido de 720$00 e as percentagens de 50 % nas taxas que cobrar pelos serviços executados fóra da oficina.

Os concorrentes deverão apresentar nesta secretaria, dentro do referido praso, os requerimentos instruidos com os documentos exigidos pela lei.

Secretaria da Câmara Municipal da Mealhada, 19 de Maio de 1934.

O Presidente *António Antunes Brêda.*

JULGADO MUNICIPAL DE VAGOS

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

Por este Julgado e cartório do escrivão respectivo e nos autos de acção sumarissima em que é autor António Gomes Rigueira, casado, comerciante, morador no logar de Fonte de Angião e réus Joaquim António de Almeida e mulher Josefa Fernandes de Almeida, agricultores, do logar da Parada de Cima, agora ausentes, correm éditos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação deste, citando aqueles réus Joaquim António de Almeida e mulher Josefa Fernandes de Almeida, ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para no praso de oito dias posterior ao praso dos éditos apresentarem a sua impugnação do pedido feito na referida acção, sob pena de, se designar dia para julgamento.

Vagos, 3 de Abril de 1934.

O escrivão, *João Simões Ferreira.*

Verifiquei.

O Juiz do Julgado, *José Reinaldo Calisto Moreira.*

PEREGRINAÇÃO A FATIMA

Promovida pela sociedade «Os Amigos de Santo António» e autorizada pelo Ex.mo Prelado vai realizar-se nos dias 14 e 15 de Julho próximo, uma peregrinação do Porto a Fátima em comboio especial.

Será a romagem de piedade do povo do norte a Nossa Senhora de Fátima, no intuito de a honrar e venerar no próprio lugar onde se dignou visitar a nossa Pátria e onde, de contínuo, atende as súplicas dos que ardendo em Fé ali suplicam a sua poderosa intercessão.

*

— Os peregrinos teem ocasião, no regresso de Fátima, de visitarem não só o grande e maravilhoso Mosteiro da Batalha mas tambem a linda e importante cidade de Leiria.

— O comboio especial sairá da estação de S. Bento no sábado, 14 de Julho pelas 15 horas e regressará ao Porto antes da meia noite do dia seguinte, de maneira que os peregrinos dos concelhos limítrofes do Porto e os da linha de Braga tenham ainda transportes para suas casas.

— Ha facilidades de hospedagem por preços muito módicos para os peregrinos que se inscrevam até ao dia 4 de Julho, último dia da inscrição.

— O preço da viagem ida e volta, do Porto a Fátima é de 65$00 em terceira classe e 85$00 em segunda.

A venda de bilhetes é feita nos seguintes locais:

Rua de Santa Catarina, 628; Rua da Assunção, 31; Travessa da Carvalhosa, 56 e nas sacristias das igrejas do Bomfim, Cedofeita, Carmelitas, Campanhã, Lordelo, Ramalde, Matosinhos, S. Mamede d'Infesta e na capela de Santo António da Foz do Douro, na rua Alto de Vila.

Para mais esclarecimentos, dirigir à «Casa Nun'Alvares», rua de Santa Catarina, 628 — Telefone 2586.

Ourivesaria Vilar

Oculos, lunetas, lentes especiais por receita médica, lentes vulgares para todas as diopetrias, montagens em todos os sistemas, :: concertos nos mesmos, na ::

OFICINA E OURIVESARIA VILAR

Rua José Estevam — Em frente ao :: Banco de Portugal — AVEIRO ::

ARTE SACRA

OFICINA DE ESCULTURA E TALHA DE

GUILHERME FERREIRA THEDIM

ESCULTOR

Santa Cruz do Bispo – MATOZINHOS

IMAGENS — Executam-se imagens de todos os tamanhos e pintam-se com a máxima perfeição, bem como se restauram e pintam imagens antigas, ficando como novas.

Fazem-se altares, douramentos e decorações de templos, para o que temos pessoal habilitado, bem como nos encarregamos de todos os objectos concernentes à Egreja.

VALOR ARTISTICO—Não só a parte artística mas ainda o sentimento cristão, elevação mística e unção religiosa de que todas as imagens são revestidas, teem sido o verdadeiro e único reclame desta casa, do que já tem provas de sobejo.

PLÁCIDO DE ABREU

Chegou a Lisboa um trimotor francês, que transportava os restos mortais do nosso inditoso aviador Plácido de Abreu, ha dias morto em desastre, quando efectuava em França arrojadas provas de acrobacia aérea. A' chegada, aguardavam-no muitas pessoas, dando-se cenas lancionantes com a viúva e mãe do infeliz campeão do ar. A' passagem do cadáver, em automóvel, para a Igreja de Santo António da Sé, houve sentidas manifestações de saudade e de luto, e o seu funeral constituiu uma dolorosissima expressão de muito pesar.

DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Festas da cidade de Lisboa. — A Câmara de Lisboa organizou festas, que podem considerar-se formidaveis: o auto de S. António, o desfile dos ranchos populares, o cortejo das viaturas de incêndios, as feiras e arraiais, e, acima de tudo, a reconstituição da embaixada do século XVIII, — tudo isto, e o mais que não consta do programa, a saber: ordem, decência, compustura, educação em todas aquelas quinhentas mil pessoas, é das páginas mais honrosas do municipio e povo da capital.

Hitler e Mussolini. — Hitler visitou Mussolini, e diz-se que Mussolini vai visitar Hitler, — sinal de que a guerra vem visitar-nos a todos.

Orçamento do Estado. — O Sr. Dr. Salazar tem trabalhado activamente na elaboração do Orçamento para 1934-1935, que está quási concluido e deve ser publicado em fins dêste mês.

Bodas de oiro do Snr. Bispo da Guarda. — No dia 20, foi o Snr. D. José Alves Matoso, venerando Bispo da Guarda, alvo duma impressionante manifestação de simpatia por parte da cidade e diocese da Guarda: clero, povo, professores, oficiais do exército, médicos, advogados, proprietários, altos funcionários e comerciantes, — todos renderam ao preclaro Autístite a homenagem da sua muita admiração, respeito e estima. O *Correio do Vouga*, onde colaboram antigos discípulos e subordinados de S. Ex.ª Rev.ma, associa-se muito gostosamente a estas festas, em que se comemora o 50.º aniversário da sua ordenação srcerdotal, e faz votos por que sejam também solenizadas as *bodas de diamante* de S. Ex.ª Rev.ma.

Santo António, Padroeiro de Portugal. — Sua Santidade, por breve de 13 do corrente, proclamou o nosso glorioso Santo António — Padroeiro de Portugal, acedendo assim ao desejo expresso por todo o Episcopado português. Folgamos imenso com a noticia, e que o «Santo de todo o mundo» (como lhe chamou Lião XIII, e muito bem) seja em toda a parte reconhecido como nosso compatriota, e que dentro em pouco a Santa Igreja o eleve à categoria de Doutor êsse que outro Papa apelidou de *Arca do Testamento.*

Homenagem do govêrno francês a Plácido de Abreu. — O govêrno francês, em homenagem póstuma, agraciou o capitão Plácido de Abreu com o grau de Cavaleiro da Legião de Honra: o secretário da legação de França, em Lisboa, em nome do seu govêrno, depôs essa condecoração na urna do bravo piloto português.

Cuba revolta. — Não se faz ideia do que vai por Cuba: gréves, revoltas, assassinatos, prisões, assaltos, tiros, bombas, incêndios: isto é, um perfeito vulcão a pedir a água forte dum govêrno forte.

Lotaria de Santo António. — Foi ha dias, e o prémio de 3.000 contos foi vendido em bilhete inteiro em Lisboa, indo o prémio de 200 contos, também em bilhete inteiro para o Funchal.

Ciclone e prejuizos. — Nos Estados Unidos (Morgan City), passou um ciclone à velocidade de 155 quilómetros, que fez muitos estragos, mas não matou ninguém, porque os habitantes foram avisados a tempo da formação e chegada do ciclone, podendo assim sair das suas casas, que foram quási totalmente destruídas.

JOSÉ MOREIRA (CORUJEIRA)

ADVOGADO

VAGOS

COMARCA DE AVEIRO

JUÍZO CIVEL

ARREMATAÇÃO E ALMOEDA

2.ª PUBLICAÇÃO

No dia 1 de Julho próximo, por 10 horas, no local onde se encontram, e nos autos de carta precatória para nomeação de louvados, avaliação e arrematação de bens, vinda do Tribunal Judicial da 5.ª Vara na comarca do Pôrto, e extraída dos autos de acção sumária, em execução de sentença, e em que são: exequente o Banco Pinto & Sotto Mayor, com séde em Lisboa e filial no Porto, e executados António Joaquim de Pinho, Augusto Pinho Varela e Pompeu Alvarenga, o primeiro de Esgueira e os restantes de Aveiro, vão pela primeira vez à praça, para serem arrematados por quem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, vários bens móveis pertencentes e penhorados aos executados; e que no mesmo dia 1 de Julho próximo, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e nos mesmos autos, vão pela primeira vez à praça para serem arrematados por quem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, as seguintes propriedades pertencentes e penhoradas aos mencionados executados: — Um prédio urbano, composto de duas casas destinadas a fábrica de louças e azulejos, com suas pertenças, sito na rua da Fábrica, frèguesia da Glória, desta cidade de Aveiro, avaliado em 50 000$00; um pinhal, sito na Quinta do Alcaide, ou Arrôtas, nos limites da frèguesia de Esgueira, avaliado em 8.000$00; Uma terra e pinhal, sito no logar da Fôrca, limite de Esgueira, avaliado em 5.000$00; Uma marinha de fazer sal, que se compõe de cincoenta meios dobrados, chamados Capela Seca, sita na Carreira dos Vareiros, da Ria de Aveiro freguesia de Esgueira avaliada em cincoenta mil escudos; Um assento de casas de habitação, terreno de semeadura, vinha e mais pertenças, sito na Fôrca, do logar e freguesia de Esgueira; avaliado em 60.000$00; Um terreno a pinhal, com suas pertenças, sito na Azenha de Baixo, limite do logar da Quinta do Gato, frèguesia de Esgueira, avaliado em 2 500$00; Um terreno a mato, com suas pertenças, sito na Gândara limite do logar do Solposto, frèguesia de Esgueira, avaliado em 9.000$00. Esta propriedade é actualmente terra lavradia. Um terreno a mato, com suas pertenças sito nas Areias, limite de Esgueira, avaliado em 2.000$00 Esta propriedade é também, actualmente, terra lavradia Um prédio de casas altas com quintal, cocheira e pertenças, sito no logar e frèguesia de Esgueira, avaliado em 40.000$00.

Todas as despesas da praça, contribuição de registo e percentagens legais são de conta do arrematante.

Por este meio são citados quaisquer crèdores incertos para usarem dos seus direitos.

Aveiro, 8 de Junho de 1934.

O Chefe da 1.ª Secção da 1.ª Vara, a) *António Coelho de Souza Machado.*

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.ª Vara, a) *Artur Valente.*

FOTO-ESTRELA

NOVO ATELIER DE FOTOGRAFIA

Retratos-esmalte em diversos tons e formatos. Especialidade em retratos-esboço e ampliações.

Não são menos dignos de apreço, os excelentes retratos que ali se tiram em todos os gostos e tamanhos, graças a longa pratica e habilidade.

Preços de grande reclame

ANTONIO RIBEIRO DE MELO

Vagos — **Calvão**

(Em frente à oficina de bicicletes)

A ROMAGEM A EIXO

Jaime Lima recebe na sua Quinta de São Francisco a mais bela consagração que um escritor pode desejar — a consagração do povo num coro unanime de milhares de pessoas.

Lição eloquente essa!

Os que desconhecem o valor da Bondade, ponham ali os olhos. Só a Bondade é verdadeiramente amada.

Bem diziamos no numero passado que no domingo ultimo Aveiro se despovoaria para ir a Eixo levar as homenagens da sua muita admiração ao Homem que, sendo um alto espirito que honra a sua terra e honra a sua patria, nunca, em tantos anos de vida, nem escrevendo, nem falando, nem nos seus actos, deixou de querer ao seu semelhante como a um irmão querido.

Grangeou assim no consenso publico um primado indisputavel e indiscutivel — a par do primado do espirito o primado do coração. —

Foi este ultimo que levou o povo à Quinta de S. Francisco, o povo d'Eixo e o povo de Aveiro que para ali se deslocou em dois comboios especiais, em automoveis, em bicicletas e até em carros que raras vezes se veem. Tudo serviu.

Ao povo d'Aveiro, juntou-se o d'Eixo e o dos logares visinhos e toda essa gente se mostrava animada do mesmo sentimento. A homenagem teve um cunho de originalidade encantadora, originalidade por ser o povo a associar-se efusivamente à consagração dum homem de letras — caso único na história das consagrações de escritores portugueses — originalidade por se realisar no próprio local onde o homenageado se refugiou, na sua amada quinta que ele carinhosamente tratou fazendo dela um refugio e um logar de oração. Ali dentro, junto da eira, foi armada uma tribuna, sob a sombra amiga dos carvalhos e dos cedros, onde teve logar a sessão solene.

Com a multidão que constituia o cortejo organisado em Eixo e que dali se dirigiu num precurso de 2 kilometros à Quinta de S. Francisco, onde se viam representadas todas as classes, iam bandas de música, bandeiras de associações, o estandarte da Câmara que, chegados junto da tribuna, iam sendo conduzidos pelos seus portadores e ali entravam formando um fundo de apoteose nesse recinto, onde se viam o homenageado e sua Esposa, representantes das Universidades — o Dr. João da Silva Correia, director da Faculdade de Letras de Lisboa, os Drs. Joaquim de Carvalho, Lopes d'Almeida, e Silvio de Lima, da Faculdade de Letras de Coimbra, — escritores — Antero de Figueiredo, Luiz de Magalhães, Antonio Correia d'Oliveira — autoridades — governador civil, comandante militar, comandante da policia — etc.

A sessão principia perto das 17 horas e meia. Preside o sr. governador civil, secretariado pelos escritores, professores e comandante militar.

Ouvem-se cantos. E' o rancho do alecrim, d'Eixo, que aparece com os seus rapazes e raparigas, trajando tipicamente; e defronte da tribuna canta uma pequena canção e sobe depois os degraus para cobrir Jaime Lima de flôres, beijando-lhe as raparigas, respeitosamente, a fronte. Aparece a seguir um grupo de tricanas da cidade. Sobem à tribuna tambem e mais rosas lançam sobre o homenageado, beijando-o tambem na fronte. Jaime Lima, comovidissimo, beija-lhes as mãos e mais flôres e mais homenagens dessas, como numa romaria a um santo popular, continuariam se a comoção de Jaime Lima não pudesse ser-lhe prejudicial e não obrigasse a pôr-lhes termo.

Na elegante e espaçosa tribuna, com a multidão imobilisada debaixo das arvores, as janelas da casa de Jaime Lima cheias de senhoras, com mais senhoras ainda num outro espaço reservado, começa agora a leitura das mensagens.

Jaime Lima senta-se entre a Esposa, sua dedicada companheira de sempre e sua cunhada, a Esposa de Luiz de Magalhães.

E ouve lêr as mensagens.

A primeira é d'Eixo. Vem em linda pasta de veludo carmezin, com lavrados simbólicos a prata.

Lê-a Alfredo Coelho de Magalhães, director do Instituto Superior do Comercio, do Porto, que tem a sua casa em Eixo. Muito bem redigida, Alfredo de Magalhães, que é um professor e um publicista distinto, lê-a com veemencia e brilho.

Ouvem-se no fim muitas palmas.

Outra mensagem se segue — a da Câmara de Estarreja — lida pelo Dr. Antonio Valente. E' outro documento interessante, com passagens brilhantes. Muitos aplausos no fim

Depois — a mensagem da Comissão popular em duas folhas de pergaminho, ilustradas de iluminuras com motivos campestres e a figura de S. Francisco.

Encerrada numa lindissima pasta de veludo azul escuro com as armas da cidade em prata e outros ornatos, é lida pelo presidente da Comissão — Manoel Maria Moreira — o animador principal destas festas, — que em magnífica voz faz chegar o seu texto, de preciosos conceitos, a todos os cantos do auditório, substituindo-se perfeitamente aos auto falantes que, embora instalados, não puderam funcionar. Muito aplaudido.

Falam depois o Dr. Jaime de Melo Freitas, digno juiz de direito — que lê, com grande vibração, meia duzia de frazes muito sugestivas; — o Presidente da Câmara d'Aveiro e os professores Drs. João da Silva Correia e Joaquim de Carvalho.

Primorosos os pequenos trabalhos por estes lidos e pena temos de não podermos publica-los por os não havermos conseguido.

Por fim, serenados os aplausos, ergue-se Jaime Lima.

A sua figura domina entre toda aquela comoção geral.

Muito comovido também lê e, como sempre, lê uma peça de encantador recorte — formosa pelo que exprimia, pelo sentimento que a inspirava, pela fórma como foi composta.

E' um momento de religioso silencio. Quando Jaime Lima termina, com a sua voz fatigada, toda a multidão o saúda com aplausos vibrantes.

Muito cumprimentado, começa a debandada, depois de o sr. governador civil ter encerrado a sessão.

As bandas tocam e o povo, dominado ainda pela comoção, sai lentamente, da Quinta de S. Francisco, deixando em paz o seu morador, como eremita no seu eremiterio.

Damos hoje algumas mensagens e discursos à publicidade e aqui arquivaremos em outros numeros o que neste numero não pudermos publicar.

■

Mensagem do povo de Eixo, lida pelo Dr. Alfredo Coelho de Magalhães.

Bemdiz o povo de Eixo a hora em que V. Ex.ª veio iluminá-lo com a sua presença, e que está, alegre e comovido, a agradecer-lhe que tivesse vindo até êle, quando, deixando o tumulto do mundo, que nunca o desvairou, se acolheu á solidão que será, sempre, o refúgio dos que trazem na alma o sonho da perfeição.

São simples e humildes os que vêm trazer esta oferenda do seu amor. Muitos não conhecem, nem podiam conhecer, a grandeza da sua obra de pensador e de artista, mas sabem quanto quere à bondade, a mais nobre das virtudes, nascida da saüdade de Deus, e todos pressentem e adivinham a ansiedade do seu espírito perenemente fascinado pela beleza, e isto dá-lhes a intuição de que a sua obra há de ser bela.

Nem compreenderiam que o não fôsse. Habituados a vê-lo louvar o trabalho humilde, a enternecer-se com o olhar duma criança ou com o desabrochar duma flor, a renunciar, heròicamente, às suntuosidades e fascinações do mundo, trocando-as pela singeleza e pela humildade, a condenar o materialismo, que desvaira e perverte, e a arvorar-se em mantenedor esforçado e leal do idealismo, que exalta e diviniza, não poderiam compreender que, quando escreve, não o domine e não o abrase o desejo de derramar sôbre a terra a beleza do céu de que a sua alma de iluminado tem a cada instante, uma visão mais larga e mais perfeita.

Todos nós, que vivemos aqui, reconhecemos e acatamos, numa obediência, que é orgulho e alegria, o seu govêrno, porque V. Ex.ª, pelo direito que lhe concede a sua supremacia moral, está a governar e a dominar em Eixo, ditando e executando as suas leis tão suavemente que cumpri-las é dos enlêvos mais vivos e mais alvoroçantes.

Encanta-nos e exalta-nos a atitude religiosa em que o supreendemos, a toda a hora, perante a vida, e o seu exemplo aviva e afervora o nosso desejo de perfeição, aquele desejo que nasceu na alma do primeiro homem que ergueu os olhos para o céu, mas que o desvairo de tantos a quem as materialidades do mundo subjugam e cegam, não deixa triunfar.

E' esse desejo de divindade que lhe tem inspirado a sua obra, tão perfeita como a sua vida, explicando nos esta unidade e harmonia do pensamento e da acção o império que exerce sôbre os que o lêem ou o ouvem e ficam para sempre encantados e saudosos do seu espírito

Lendo-o alguns, ouvindo-o muitos e enlevando-se todos na contemplação do seu viver nobilíssimo, sentimos bem a sua influência moral e espiritual sôbre nós, tão grande e tão poderosa, que até nos parece ouvir rezar já em todos os nossos lares aquela oração que a violeta, flor da humildade, lhe inspirou, inspiração divina que o tornou um dos maiores apóstolos do amor, da graça e da beleza.

Neste momento de consagração das suas altíssimas virtudes, não poderemos dizer-lhe como devotadamente lhe queremos e como anciosamente vivemos na íntima aspiração de o seguir no seu exemplo, senão rezando todos, face a face com a sua alma, essa oração formosíssima que é dos mais belos cânticos da língua portuguesa:

« Ave! Flor da humildade! Cheio de graça, o Senhor está contigo, o Senhor que nos dá a paz; és bendita entre as flores; bendito é o fruto do teu seio, teu casto perfume e doce côr, tristeza indulgente, virtude sem orgulho, singela insenção de passageiros brilhos. Roga a Deus por nós, na vida e na morte; santifica-nos, concede-nos o espírito de que és na terra fiel mensageiro. Escudo do coração, defende-o de ambições más, da vaidade e do ódio. Afeiçôa-nos à tua imagem; dá-nos com a tua alma a vida eterna, a vida do eterno amor ».

■

Mensagem do povo de Aveiro

Ex.mo Senhor Doutor Jaime de Magalhães Lima.

O povo da cidade de Aveiro está educado numa escola de civismo que o manda ser reconhecido para todos os que o engrandecem com os seus serviços relevantes, e dignificam com a excelência das suas virtudes cívicas, ou o honram com o seu excepcional valimento.

Ser grato é um lema que poderia inscrever-se no brasão de armas da nossa terra; é uma norma herdada de nossos pais, cujo ensinamento nós, com o acto de hoje em louvor de V. Ex.ª, queremos transmitir aos nossos filhos.

Por gratidão vimos aqui, nesta simples, mas sinceríssima romagem, assegurar a V. Ex.ª da nossa admiração e da nossa estima, do muito que apreciamos as altas virtudes de que V. Ex.ª tem sido exemplo vivo; do muito bem que lhe queremos, por tanto nos enaltecer com a gloriosa obra literária que o seu formoso talento tem produzido.

Se em nome da massa popular, que aqui se encontra e que nós expressa e tácitamente representamos, dissessemos que tinhamos um conhecimento perfeito e completo dessa obra literária dispersa em numerosíssimos volumes, faltariamos à sinceridade que preside a esta festa.

Mas nem por isso o povo da cidade de Aveiro deixa de conhecer a extensão e valor dessa obra; muitos dos seus filhos têm lido os seus volumes; outros lhes têm ouvido apreciações e referências e todos tiveram muitas vezes ocasião de ouvir as palavras de V. Ex.ª nas suas conferências e nos seus discursos, haurindo delas a essência do seu pensamento e compreendendo essa filosofia de aperfeiçoamento moral, de humildade e de bondade, de exaltação dos simples, de adoração da Natureza, que V. Ex.ª prègou sempre como díscipulo de Jesus, émulo de S. Francisco, irmão dêsse profeta e paladino da paz social que foi no nosso tempo o Conde Leão Tolstoi.

Podendo conservar-se inacessivel no alto da sua tôrre de marfim, aonde o teria guindado justamente a auréola da sua intelectualidade, V. Ex.ª tem sempre convivido com o Povo, repartindo com êle as primicias do seu génio de eleito, comunicando-lhe os lampejos do seu espírito superior.

Colaborando em numerosos jornais acessiveis às camadas populares da sua terra; falando em todas as suas associações; tomando parte nas suas grandes festas, V. Ex.ª compartilhou sempre de todas as solenidades, tristes ou jubilosas, dos últimos 50 anos da história aveirense.

A' obra de escritor vernáculo e profundo, de pensador, de artista, de filósofo, obra essa só acessivel, na plenitude da sua beleza, aos espíritos cultos, V. Ex.ª não desdenhou nunca de sentar à meza do banquete da sua espiritualidade a massa popular da terra que o viu nascer.

O povo compreendeu-lhe a intenção generosa e esse pensamento de apóstolo do Belo e do Bem.

Viu que os seus olhos, as suas palavras, os seus trabalhos traduziam um ideal superior; que ensinavam alguma coisa que estava acima do vulgar das ideias, que concorriam para o chamar para nos chamar a todos nós, para chamar a Humanidade, a esferas onde a mésquinhez, a maldade, a materialidade, a miséria humana já não chegam, e soube, além disso, que V. Ex.ª era em todo o país, no mundo das letras, considerado como um dos seus mais genuinos valores.

E assim, respeitando-O desde sempre, passou a venerá-lO como uma figura tutelar; a ve-lO mais além do comum dos seus homens representativos; a colocar V. Ex.ª no Panteão das suas melhores glórias, mas em vida ainda, vida que todos nós desejamos ver prolongada e fortalecida, para maior ventura de V. Ex.ª e das suas pessoas queridas, e para felicidade, satisfação e maior glória de quantos admiram e festejam em V. Ex.ª as suas ínclitas virtudes e invulgares qualidades de talento e de bondade.

Por isso, Ex.mo Senhor Doutor Jaime de Magalhães Lima, nosso irmão e nosso patrono espiritual, viemos aqui em romagem, ao ádito do pequeno paraiso que a sua delicadíssima alma escolheu para refúgio do torvelinho das grandesas do mundo, com toda a simplicidade própria da alma do povo, mas com uma sinceridade inexcedivel, saudar V. Ex.ª, protestando-lhe a nossa enorme gratidão pela glória que nos tem grangeado com os primores do seu coração e com os fulgores do seu talento.

Aveiro, 17 de Junho de 1934.

■

Discurso do Ex.mo Senhor Dr. Jaime Dagoberto de Melo Freitas, na Quinta de S. Francisco

MINHAS SENHORAS
MEUS SENHORES

Do povo, pela ascendencia e por desprendimento na maneira de viver; do povo, acima de tudo, pelo coração, é como pessoa do povo que em ritmo com ele e na sua desataviada linguagem, pretendo dizer a V. Ex.ª Senhor Dr. Jaime de Magalhães Lima, duas palavras, duas singelas palavras, que só valem pelo sentimento que as inspira e que aqui me traz.

Não saberia, nem tento, exprimir o que vai na minha alma que se adivinhe. A todos domina a mesma emoção e é preciso poupar V. Ex.ª Bastará, pois, que lhe afirme que a nós próprios confunde este unanime consenso.

Aqueles que assim acorrem, devotadamente a tão piedosa romagem mostram não terem os olhos cerrados às luzes da beleza e das verdades eternas.

Em V. Ex.ª há alguma coisa que é diferente; e o povo humilde e inculto sabe, não obstante, apercebê-lo e admirá-lo, curvando-se reverentemente, em face dum alto exemplo de triunfo do espírito sobre muitas vãs materialidades da vida.

V. Ex.ª tem uma larga Obra, mas o melhor dessa obra, Sr. Dr. Jaime Lima o mais expressivo, está patente. Numa época de egoísmo e frivolidade, numa época de tanta paixão e tanta cegueira, V. Ex.ª fez brotar, expontanea, esta manifestação, em que existe uma nota de sublimidade.

Poder-se-há escrever, para que fique e sirva de lição a nossos filhos: « Do milagre realisado em Eixo, aos 17 dias do mês de Junho do ano de 1934, na Quinta de S. Francisco ».

■

Terminada a sessão solene na Quinta de S. Francisco, o eremitério onde o asceta se entrega à meditação e ao estudo, realizou-se uma outra sessão na sala das sessões da Junta de Freguesia de Eixo, onde foi descerrado um retrato de Jaime Lima, proferindo então o Dr. Alfredo Coelho de Magalhães, a quem já nos referimos, o seguinte e muito brilhante discurso:

Turvou-se-me, de-certo, a inteligência, ao receber o convite para colaborar na homenagem ao Sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima, e, aceitando-o, eu não pude avaliar a responsabilidade que assumia.

Sinceramente o confesso: uma aspiração eu trago apenas: a de poder dizer, ao menos, como me exalta e me fascina a grandeza da sua vida moral, pois da sua vida mental e da sua obra eu não sei falar.

E, ainda que soubesse, não era êste o lugar e o momento próprio para o fazer. A sua obra de romancista, de sociólogo e de educador, de filósofo e de artista, há de ser estudada nas escolas e nas academias.

Só aí poderá fazer-se a sua análise e a sua crítica, estudando as correntes de pensamento em que a integrou, o que nela há de original e até onde sofreu a influência dos que êle confessa terem sido os seus maiores mestres: Cristo, S. Francisco de Assis, Tolstoi, Antero de Quental e muitos outros dos mais altos e iluminados espíritos da humanidade.

Por meu mal não o posso ler, com o propósito de o avaliar e julgar, como escritor e como pensador: receoso de que o meu juízo fique muito àquém do que êle vale, atrevo-me a dizer apenas que não há, hoje, quem revele uma maior preocupação de respeito e de carinho pela pureza da nossa língua, sempre insatisfeito no desejo que, um dia, me confessou e tantas vezes realiza, de dar à sua linguagem a limpidez e a candura, a singeleza e a graça da prosa do oratoriano do século XVII, Manuel Bernardes.

E, como pensador, eu creio que êle é dos espíritos contemporâneos que, com mais profunda e inquieta ansiedade, estudam e buscam soluções para os eternos problemas da alma humana.

Mas, se eu ainda não li, nem posso ler, a sua obra, com o intuito de a criticar, tenho-a lido e hei-de continuar a lê-la, como o melhor meio de satisfazer uma das mais vivas necessidades do meu espírito: a de ter a ilusão de que sôbre a terra hão de imperar, um dia e para sempre, a indulgência e o perdão, o amor e a paz.

E' que não há quem, mais poderosamente, nos contagie dessa aspiração íntima de perfeição, e mais alente e afervore o sentimento de religiosidade que constitue a maior riqueza espiritual dos portugueses e que, orientado num sentido alto, poderia aproveitar-se como fonte criadora de nobilíssimas virtudes.

E', por isso, que eu releio, cada vez mais enlevado, alguns dos livros do solitário da Quinta de S. Francisco, cujos títulos, só por si, são já refrigério para a alma que os toca, pela doçura e encantamento que nela deixam.

Não sei eu o que pensam das *Rogações de Eremita* e dos *Salmos do Prisioneiro* os homens de espírito prático, positivo e frio, que mecanizam a vida, e têm o idealismo na conta dos maiores e mais funestos males que afligem a humanidade.

Não sei; mas suspeito de que não ajuízem bem dessas obras, de tão vivo espiritualismo, que traduzem os anseios duma alma de asceta e são dos mais formosos cânticos que se têm erguido em louvor à beleza que só as almas eleitas, como a dêle, têm a graça de sentir e gosar plenamente.

Há de haver quem receie o misticismo que se derrama dessas formosíssimas páginas, na suposição de que o seu contacto crie espíritos contemplativos, abandonando-se a uma vida de fraqueza e de renúncia, em contraste com a hora desvairada que os homens vivem, de luta tenaz e audaciosas realizações.

Não o receio eu. Como educador humilde, sempre entendi que a educação espiritual da mocidade portuguesa devia fazer-se, em grande parte, pelo estudo dos maiores poetas líricos, não hesitando em afirmar que lhe seria benéfica até a leitura dos próprios poetas místicos, como Frei Agostinho da Cruz, o cantor da saúdade do céu.

Não vejo melhor meio de corrigir os excessos da educação utilitária. Esta, sim, receio eu que prejudique o que há de supe-

(Continua na 4.ª página)

A ROMAGEM A EIXO

(Continuado da 1.ª página)

rior no homem — a ansiedade de se sentir perfeito, traduzida no eterno conflito entre a sua condição humana e o seu desejo de divindade. Só a educação espiritual pode manter, como fôgo sempre vivo, a aquecer e a iluminar as almas, o que a vida encerra de nobre sacrifício e de alegria humilde e oculta, de fremente emoção perante a beleza, de desinterêsse e de heroismo, tudo isso que ergue e transfigura o homem e se chama idealismo, sonho, exaltação.

E alegra-me e consola-me ver que o Sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima, quando versa o problema da educação, defende, ardoroso e convicto, a educação clássica, pois sabe muito bem que, como ensina Alfredo Fouillée, só a cultura estética, literária, histórica e filosófica, é verdadeiramente moralizadora.

A grande guerra, que lhe inspirou um dos seus mais profundos livros, veio, decisivamente, mostrar-lhe que estava na bôa doutrina, e é vê-lo a louvar e a exaltar «a acção das humanidades contra a ciência, que o mesmo é dizer da vida contra a mecânica, da ordem moral contra a ordem material, da dignidade humana na sua plenitude contra o seu rebaixamento em um simples valor económico».

Chego, quási, animado e fortalecido por uma opinião alheia de tal valia, a iludir-me e a supôr que disse uma verdade, quando, há anos, tratando do problema educativo, me pronunciei no sentido de que a sua melhor solução está em conciliar e equilibrar a corrente utilitária e a idealista, pois não quero que o idealismo ignore e esqueça as realidades imediatas da vida.

E parece-me que o problema tem, nesta hora, em Portugal, a sua melhor oportunidade, agora que tantos defendem, como meio de valorizar-nos, o desenvolvimento do ensino técnico e profissional, e que a onda de desvairamento, de materialismo e de anarquia moral, que se ergueu sôbre o mundo, com a guerra, também ameaça subverter-nos.

E suponho que poderei repetir as palavras que, já um dia, escrevi, tratando igual tema:

«Que a educação dê ao homem audacioso esfôrço, necessidade indomável de trabalhar, aptidão perfeita para produzir, e não lhe faça desabrochar e florir na alma a flor da bondade, a obra humana, seja qual fôr a sua grandeza e o seu deslumbramento, será, sempre, de egoismo, de ódio e de luta sangrenta...»

E, porque assim penso, foi com alvoroçada alegria que recebi a notícia de que os que têm vivido na intimidade do coração e do espírito do Sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima, entenderam que era obra de justiça glorificá-lo, e, certamente, todos pressentem, como eu pressinto, que esta glorificação tem um alto valor educativo: não é a glorificação dum homem, é a glorificação das virtudes que êle simboliza.

O Sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima é, hoje, em Portugal, o mais alto representante da corrente idealista, e todos nós que vimos do seu eremitério aonde fomos prestar-lhe a homenagem da nossa admiração, vivemos já no desejo ansioso e fremente de o seguir no seu exemplo, de ouvir e guardar, religiosamente, em nossas almas, as suas lições de amor e de paz, como se fôssem de divino mestre.

Eu falo — nem a mais me poderia atrever — em nome da gente da minha terra, — desta linda terra a que êle se acolheu, quando, deixando o tumulto do mundo, procurou a solidão que há de ser, eternamente, o refúgio dos fortes, como êle mesmo escreveu, referindo-se a Alexandre Herculano, a mais perfeita figura moral portuguesa do século passado, de quem o meu espírito, tantas vezes, o aproxima.

Eu falo em nome do cavador, que êle eternizou numa página impecável e imperecível das suas *Rogações de Eremita*, e todos os que, na pobreza e na humildade do seu viver, têm, a cada instante, a surpreza alvoroçante de se sentirem ungidos pela graça do seu amor, graça que os traz rendidos de alegria e comoção.

Eu sinto como na alma dos mais humildes — na alma de todos nós que vivemos aqui — se ergue, nesta hora de sagrada exaltação, o mais sincero culto ao homem cujo exemplo é escudo do nosso coração, a defendê-lo das ambições más, da vaidade e do ódio, a dar-lhe a vida do eterno amor de que nos fala na «Avè, violeta, flor da humildade», que êle criou, num momento de inspiração divina, e que todos nós, há pouco, dissemos, comovidamente, na sua presença, face a face com a sua alma.

As montras em Aveiro e a Exposição Bibliográfica da Biblioteca Municipal

Um dos números mais interessantes das homenagens a Jaime Lima foi a ornamentação das montras de vários estabelecimentos da cidade em honra do homenageado.

No sabado, durante o dia e durante a noite, muito bem iluminadas, várias montras apareceram, como estava anunciado, ornamentadas a capricho e todas ostentando uma magnifica fotografia de Jaime Lima. Havia um pequeno prémio a disputar e que um juri, para esse fim constituido, conferiria à melhor classificada.

Não sabemos ainda qual foi a montra que o alcançou.

Mas isso não importa, porque não foi o prémio, tão pequeno ele era porque a mais não podia abalançar-se a comissão popular, o que levou os proprietários dos estabelecimentos a ornamentar as suas montras. Foi ainda o sentimento de admiração e respeito pelo ilustre aveirense que era festejado e aclamado e o desejo de contribuir também, com a sua quota parte, nas homenagens a prestar, que os moveu a esmerar-se nessa ornamentação. Todas as montras estavam muito interessantes, mas não é injustiça para as restantes, cremos nós, destacar dentre todas, as montras dos estabelecimentos dos Snrs. António Osório e Manoel Maria Moreira.

Aquela, monumental, com um grande tanque rodeado de arbustos e plantas, e um fundo arquitectónio de grande fontenário; esta última, duma encantadora simplicidade, sugestão da Tebaida de S. Francisco onde vive Jaime Lima, — arbustos que dali vieram simulando a floresta, eucaliptos pedras, carvalhos, etc., dois pequenos bancos imitando os de granito da Quinta de Eixo, um tinteiro, pena de pato e um livro do homenageado — *Na Paz do Senhor*. — Ao fundo uma sebe de arbustos da mesma proveniencia, flores e plantas e um pano de sêda azul celeste dando-nos a impressão do firmamento.

Para não faltar nada nessa evocação até uma meia duzia de pintainhos vagueavam pela montra, piando, piando, à procura da mãe que não viam ali...

Muito feliz pela simplicidade e pelo significado.

No sabado à noite a cidade mobilisou-se em visita às montras, durando a romaria até perto da meia noite. Digno de destaque tambem — um lindo quadro de Licinio Pinto, da Fábrica Ceramica de Agueda, reproduzindo uma ótima fotografia de Jaime Lima.

*

A Exposição Bibliográfica na Biblioteca Municipal chamou ali muita gente que desconhecendo, a sua maior parte, a extensão e grandesa da obra de Jaime Lima, ficou admirada do labôr intelectual intensissimo do aveirense ilustre, documentado em livros, folhetins, artigos, conferencias, etc., que sobem a algumas dezenas de volumes, alguns raríssimos por se não encontrarem no mercado e até nem os possuir mesmo o próprio autor.

Foram vários os expositores, entre eles o próprio homenageado. E' justo destacar a preciosa coleção de Acácio Rosa, que hoje volta a honrar-nos com a sua interessante colaboração.

Otimas fotografias de Jaime Lima por toda a parte, dominando todas uma delas, de Henrique Ramos, grande, exposta num cavalete a um canto da Biblioteca. Otimo trabalho esse. A fotografia representa Jaime Lima sentado e lendo um livro. Muito bem.

Na mesa do fundo destaca-se num pequeno plinto decorado com um damasco, um busto do homenageado, obra de João Calisto, verdadeiro artista, de intuição admiravel, com imperfeições de tecnica que não são de admirar, em pessoa que não cultivou as academias de Belas-Artes e apenas tem o curso da nossa Escola Industrial, ou nem isso, segundo cremos, pois parece-nos que não passou de algumas lições de desenho e rudimentos de escultura ministrados pelo Professor Romão, que é um artista de valor como se sabe.

O busto de Jaime Lima é, sem duvida alguma, a manifestação dum grande talento artístico que mereceria ser aproveitado e que Teixeira Lopes, o Mestre de todos, elogiou, mostrando pesar de o não ter junto de si para lhe dar algumas lições necessárias. Isso lhe ouvimos e por isso aqui o deixamos consignado, com muito pesar por vermos assim estiolar-se, por absoluta falta de recursos, uma rara vocação para a escultura e que cultivada poderia honrar-nos e ao paiz com os seus trabalhos.

Voltaremos a este assunto em outro numero por falta de espaço neste.

JUBILEU EPISCOPAL DE S. EX.ª REV.ᵐᵃ O SR. D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL

No próximo dia 29 vai celebrar o seu *Jubileu Episcopal* o Venerando Superior das Missões Ultramarinas D. João Arcebispo de Ossirinco.

Aos amigos das Missões em geral e, em especial, aos numerosos amigos de S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ, que desejem distingui-lo com uma lembrança por ocasião do seu Jubileu Episcopal, se lembra que o meio de lhe prestar homenagem do modo mais grato ao seu coração de Apóstolo das Missões é contribuir para a sustentação *permanente* de um seminarista que se destine ao Apostolado.

Mandar, pois, *flores*, muitas *flores*, para o ideal *ramalhete* que é a *Bôlsa de Estudo* — **D. João Evangelista de Lima Vidal.**

Num «Livro de Oiro» a entregar oportunamente a S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ, se inscreverão, a tinta comum, os nomes dos amigos que enviarem uma esmola de 10$00 a 100$00; a letras de prata, os que oferecerem 100$00 a 500$00; e a letras de oiro, os que contribuírem com esmola de 500$00 para cima. Os nomes dos colectores ficarão escritos a prata ou oiro, consoante a quantia que angariarem.

Dirigir tudo ao P.ᵉ Reitor do Seminário das Missões — Cucujães.

GRALHAS... AMIGAS

(Continuado da 1.ª página)

Quando V. Ex.ª me der a honra e o gôsto de me escrever, meta o melhor da sua arte na assinatura, porque eu quero conhecer a amável máscara, que me chama amigo, e se lembra do meu nome!

De V. Ex.ª At.º e amigo, BULHÃO PATO.

Efectivamente, os correios de Aveiro foram mais paleografos do que todos os que «sabiam ler» em casa de Bulhão Pato. O envelope dizia assim:

Aveiro — Verdemilho

Il.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Snr. ACÁCIO ROSA.

(A assinatura cortada da minha carta devidamente colada).

DO BULHÃO PATO

Já vê o meu amigo que em assuntos caligráficos não sou trigo sem joio mas isso não é coisa também que não aconteça a muita gente boa. Se eu quizesse publicar autografos que aí tenho no «Mare Magnum» dos meus livros e papeis, bem perceptiveis, talvez não encontrasse meia duzia.

E assim ficam defendidos o tipografo e o revisor do meu artigo «Vozes do meu lar».

Mas, pelas almas, veja se guarda esta carta de novas gralhas

do seu amigo certo e mt.º grato,
ACÁCIO ROSA.

CORRESPONDENCIAS

Ouca, 17.

Progressos. — Apesar da grande crise que por toda a parte se atravessa, a nossa terra (louvado seja Deus!) vai caminhando a passos agigantados na senda do progresso, construindo bonitas habitações, aumentando os artigos do seu comércio e desenvolvendo a sua indústria.

Neste ultimo ponto, para o postal nos chegar, registaremos sòmente as indústrias de serralharia do nosso amigo António dos Santos Cova, que produz para fóra muitos engenhos de tirar água e farinar cereais, e de latoaria do também nosso amigo José da Rocha Fazendeiro que se vê em embaraços para atender os seus numerosos clientes, vindos de longe a procurá-lo.

Agrada-nos sobremaneira este movimento por todos os motivos que fàcilmente se adivinham e, principalmente, porque naquelas oficinas se empregam braços que, sem elas, não teriam que fazer. Desejamos, no entanto, que, a par deste progresso material, possa observar-se o espiritual, porque é bem certo que «nem só do pão vive o homem...» e que vindo de Deus, temos de caminhar para Deus.

Para o Brazil. — Com destino ao Rio de Janeiro, embarcou há dias o nosso conterrâneo João Gomes da Eulália, a quem desejamos viagem e futuro felizes.

Festas. — Estão marcados para os dias 29 e 30 do próximo Julho os grandes festejos que nesta localidade costumam celebrar-se em honra da Senhora das Virtudes e S. Sebastião.

O seu programa, sempre atraente, será oportunamente publicado.

C.

VENDE-SE Uma marinha de sal denominada a Robalinha. Quem pretender fale com Alberto de Azevedo, do logar de Sarrasola, freguesia de Cacia.

Está livre de tudo.

CESAR CARDOSO
ADVOGADO
Com escritorios: na Fogueira, todos os dias até ás 11 da manhã; de tarde, em Anadia, em frente ao estabelecimento comercial do sr. José d'Almeida

ARRENDA-SE
Boa vivenda em sitio saudável, já desabitada. Rua do Gravito, 23.
AVEIRO

CASA VIEIRA
DE MANUEL VIEIRA DOS SANTOS
21 RUA DIREITA 21-A — AVEIRO

Neste estabelecimento, embora de pequenas dimensões, encontrará o respeitável público todos os artigos da nossa especialidade, tais como:

Cimento, Ferragens, Tintas, Drogas, Vidraças, Sementes e Mercearias

Valongo do Vouga, 10.

Festas escolares. — Comemorando o dia do imortal autor dos «Lusiadas», realizou-se hoje no edificio escolar de Arrancada a inauguração solene dos retratos dos Senhores Dr. Oliveira Salazar e General Carmona nos 4 salões escolares que se encontravam profuzamente engalanados. Presidiu à sessão o sr. Correia Bastos, presidente da Junta desta frèguesia, representando a Comissão Administrativa local. Era secretariado pelos srs. M. Tavares Corga, representando a indústria, e José Henriques, a lavoura. O director escolar sr. João Baptista Vidal, num brilhante discurso inalteceu a obra grandiosa de Salazar e a veneranda figura de Carmona.

Entre a seleta assistencia encontravam-se distintas senhoras e centenas de creanças, que lançavam flores enquanto lá fóra estralejavam foguetes entre aclamações ao Presidente da República, a Salazar e à Pátria.

Também no p. p. dia 28 se fez identica festa na escola desta localidade.

— Abriu um novo estabelecimento em Arrancada, o sr. Albano Dias da Silva.

— Principiaram as ceifas do trigo; os gatunos também principiaram o assalto aos batatais e os garotos às cerejeiras.

— No próximo dia 12 deve partir para Fátima uma peregrinação chefiada pelo nosso rev.º prior.

Também no próximo dia 28, seguirá uma excursão a Braga.

C.

Fermentelos, 11.

Visitas — várias noticias. — No passado dia 20 foi esta vila visitada por duzentos estudantes espanhois que residem na Curia, sendo já a terceira vez que por aqui passeiam, sem duvida porque são atraidos pela beleza do sitio, merecendo-lhes especial atenção a Lagoa em que se divertem, e a franca gentileza deste povo que os recebe com agrado. Numa das visitas apresentaram-se com uniforme de escuteiros, assistindo à Missa e cantando à tarde por ocasião da recitação do terço; também lhes merece atenção o campo de futebol onde tem jogado com o grupo local.

— Desta vila foram a Fátima no dia 13 de Maio quarenta peregrinos que trouxeram ótimas impressões. Os que não foram e tinham desejos de ir, assistiram à devoção do mês de Maria que nesse dia foi mais solene, havendo duas práticas na véspera e dia 13 e cantaram-se versos próprios de Fátima.

— Realizou-se no passado dia oito a festa do Sagrado Coração de Jesus que decorreu com intenso fervor religioso, comungando duzentas e cincoenta pessoas, não incluindo os meninos da primeira comunhão e da Cruzada Eucarística; estes fizeram um numero especial da Festa. Foi às 10 e meia horas que teve logar a sua comunhão em que se observou o cerimonial próprio. Antes da comunhão fez o Rev.º Pároco uma prática às creanças, preparando-as para receberem o Pão dos Anjos. No fim da acção de graças foi benzida a bandeira da Cruzada Eucarística cuja pintura se deve à gentileza do nosso conterrâneo sr. Domingos Moreira da Costa que revelou mais uma vez a sua habilidade artística. Abrilhantou esta festividade a musica velha local que executou a Missa de Perosi a 3 vozes, que agradou. Ao Evangelho e antes da procissão subiu ao pulpito o Rev.º Manuel São Marcos, que agradou. No fim da Missa solene ficou exposto o Santíssimo à adoração dos fiéis organisando-se três turnos e assim na primeira hora estiveram os zeladores do Apostolado da Oração, na segunda os membros das Conferencias de S. Vicente de Paulo e na terceira hora os membros das irmandades.

C.

Calvão, 11.

Celebrou-se na quinta feira (dia do Corpo de Deus) a festa das florinhas e o encerramento do mês de Maria. Correu tudo muito bem.

As criancinhas eram às centenas, todas com raminhos de flores muito bem feitos, parecia que tinham andado a ver quem os fazia melhor. Como Nossa Senhora deve estar contente com as florinhas daquelas creanças inocentes, mas ainda ficava mais contente se elas juntamente com as flôres lhe oferecessem o seu coraçãozinho puro e imaculado, purificado de todas as faltas. Oh! então sim, então é que Nossa Senhora se alegrava com elas.

No final de tudo fez-se a consagração a Nossa Senhora e depois o Adeus à Santíssima Virgem.

Durante todo o mês correu tudo muito bem. A igreja encheu-se sempre de gente, até nos dias de semana era muito frequentada.

— Começou no dia 1 a devoção do mês do SS. Coração que também vai sendo muito concorrido.

— Encontra-se, já há muito, doente a zelosa filha de Maria Ana Hipólita.

Que Nosso Senhor a melhore se fôr da sua divina vontade.

— Visitou hoje os seus pais o Rev.º P.ᵉ Neto, digno prior dos Covões.

C.

Oiã, 11.

— No dia 8 houve nesta igreja paroquial de Oiã festa ao Sagrado Coração de Jesus com missa cantada, sermão, procissão e comunhão geral de crianças. Terminada a missa, expôs-se o Senhor no trono, resou-se o terço, e procedeu-se à procissão ao Cruzeiro, indo debaixo do pálio a Sagrada Hóstia e recitando-se o terço e entoando-se diversos canticos apropriados ao acto. As crianças da comunhão tomaram parte na procissão. Auxiliou os diversos actos litúrgicos o grupo coral de Oiã, sob a regencia do muito Rev.º Pároco sr. P.ᵉ Abel Gomes da Conceição e Silva.

— Lamentamos e protestamos contra o desacato de que fala a ultima correspondencia de Nariz para este jornal e de que foi vítima o actual pároco daquela frèguesia, tanto mais que aquele sacerdote só procura o bem de seus fregueses, prègando-lhes para isso moralidade e comedimento em suas acções, no que não faz mais do que cumprir o seu dever. Mas não extranhe S. Rev.ᵐᵃ, porque Jesus Cristo, apesar de tanto bem que fez, até o crucificaram.

— Faleceu em Aguas Boas, Mariana «da Clara». Paz à sua alma.

— A tal Evangelina Mota, de Aguas Boas, acusada de ter abandonado numa gândara uma sua filhinha recemnascida, foi agora absolvida no tribunal.

— O mildio está fazendo bastantes estragos nos vinhedos.

C.

18.

— Dizem-nos que acaba de chegar, vinda do Porto, a mobilia e material didatico precisos para a nova escola de Aguas-Boas e parece que também para a da Silveira.

C.

Angeja, 19.

De visita ao nosso pároco vimos há dias em Angeja o Rev.ᵐᵒ Sr. P.ᵉ Joaquim Teixeira Machado, dig.ᵐᵒ abade de Moure, que no ano de 1933 fez uma prègação na matriz desta frèguesia, deixando em todos nós a mais viva simpatia.

Consta-nos que o mesmo sacerdote volta a prègar nesta frèguesia na festa da padroeira Nossa Senhora das Neves com que muito folgamos.

Doentes. — Melhorou algum tanto dos seus padecimentos o Sr. Dr. Ricardo Souto a quem desejamos pronto restabelecimento.

Está passando mal de saúde o pai do Sr. João Dias de Almeida, dos Pinheiros, inspirando o seu estado sérios cuidados.

Melhoramentos. — Trabalha-se activamente no alargamento da rua dos Pinheiros para o que se fizeram algumas importantes expropriações. Fica uma rua franca como exigia, há muito, o movimento considerável que tem. Será uma das melhores do concelho.

A fonte da Várzea sofreu uma notável modificação. Deve-se a iniciativa desse melhoramento ao Sr. Eduardo Souto que não se poupa a sacrificios sempre que se trate do bem da sua terra.

Tempo. — O tempo tem corrido propício para os trabalhos agrícolas. Os campos estão um encanto, dando esperanças duma colheita abundante.

C.